

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - CURSO DE HISTÓRIA

## **A CRIAÇÃO DO MUNDO NO PRIMEIRO CANTO DO POPOL VUH E OS MITOS DE ORIGEM**

MARIANA ALCÂNTARA FERREIRA

Curso de História - Faculdade de Ciências Sociais

FERNANDO TORRES LONDOÑO

Departamento de História- Faculdade de Ciências Sociais

**RESUMO:** Propõe-se uma reflexão em relação às diversas abordagens dos mitos, através de uma análise historiográfica e antropológica, para em um segundo momento, analisar o mito de criação do Mundo e da Natureza contidos no primeiro canto do Popol Vuh, livro de criação do povo maia-quiché. Para ampliação de significados interpretativos, realiza-se uma comparação entre três diferentes traduções da obra, além do levantamento de questões como a importância da oralidade, da valorização e da reativação da memória daquela cultura. Com isto é possível apontar para os possíveis significados que adquiriu o Popol Vuh para o povo maia-quiché da Guatemala.

Palavras-chave: Mito, Cosmogonia, Popol Vuh.

O primeiro canto do Popol Vuh, livro de criação do povo maia-quiché da Guatemala, é utilizado como ponto central da análise das criações do Mundo, da Natureza e do Ser Humano, permitindo tanto avaliar a importância, o objetivo, e o significado dessa obra para aquele povo, como observar a construção de um passado atualizado e renovado no presente.

As análises historiográfica e antropológica sobre as diversas concepções mitológicas foram desenvolvidas com base em autores como Mircea Eliade em "O sagrado e o profano" e Lévi-Strauss em "Mito e significado" que enfatizam os papéis modificador, estruturador e legitimador dos mitos perante uma sociedade ancestral. É através da mitologia que se podem entender as

relações sociais, econômicas, políticas e religiosas de uma sociedade e, mais importante, entender a psique humana.

Acredita-se que o texto original, composto em hieróglifos maias, foi escrito no século XVI por um escriba indígena desconhecido da comunidade local, da clã Kavek, que vivia nas terras altas da Guatemala, pertencente à cidade de Santa Cruz Del Quiché. Com a invasão espanhola comandada por Pedro de Alvarado, esse manuscrito se perdeu.

O mais antigo manuscrito do Popol Vuh é uma cópia feita na localidade de Rabinal, de outra cópia feita em Chichicastenango, província que conserva a antiga tradição dos quichés, estando ambas na Guatemala. Esse manuscrito é o marco inicial da história de sua tradução e, somente no século XVIII, recebeu a primeira versão do frei Francisco Ximénez que transcreveu o texto original, inserindo em colunas laterais a tradução castelhana.

Para alargar o campo de significados para o Popol Vuh, optou-se por trabalhar com diferentes traduções da obra e por utilizar a metodologia comparativa entre as traduções americana de Tedlock, brasileira de Medeiros, e espanhola de Recinos. Para as análises das criações do Mundo, da Natureza e do Ser Humano, deu-se preferência à tradução do Inglês por ser mais objetiva e menos poetizada.

Na comparação entre as três traduções, observou-se que há passagens em que palavras e nomes de deuses são nelas traduzidos de forma diferente, mudando o sentido da frase. Como exemplo encontra-se, logo no começo da obra, na tradução brasileira ``Esta é a raiz da **palavra antiga**. Aqui é Quiché seu nome`` (MEDEIROS, versos 1-2). Na tradução americana encontra-se: ``This is the beginning of the **ancient word**, here in this place called Quiché`` (TEDLOCK, p.63). E por sua vez, na tradução espanhola encontra-se: ``Este es el principio de las **antiguas historias** de este lugar llamado Quiché`` (RECINOS, p.21)

Pode-se observar que as versões americana e brasileira se aproximam quanto ao uso do vocábulo "palavra". Semanticamente são equivalentes. E as três

traduções possuem em comum o adjetivo ``antigo``, (palavra antiga, ancient word e antiguas historias).

Outro exemplo está relacionado à nomeação dos deuses. Enquanto na versão brasileira, a partir do verso 15, há uma referência aos quatro principais deuses da cosmogonia maia: o construtor, Tzakol, o modelador, Bitol, o portador, Alom, e o gerador, Qaholom, na versão americana, página 63, são somente nomeados dois deuses: Bearer (o criador) e Begetter (modelador), que também podem ser chamados de ``Plumed Serpent`` por estarem sozinhos na água, rodeados por uma intensa luz e encobertos de penas azuis e verdes da ave quetzal. E, por fim, na versão espanhola, página 21, segue a seguinte nomeação dos deuses: Tzacol, Bitol, Alom, Qaholom, Abuela (amparadores) e Abuelo (protetores).

Constatadas as diferenças, optou-se por utilizar a versão americana, por enfatizar os dois principais deuses, *the maker* e *the modeler*. Entretanto, independentemente da tradução, o fundamental é considerar que o ato da criação não foi unilateral, tendo sido promovido por vários criadores, e que a criação foi aperfeiçoada por outros deuses, até atingir sua forma final, sendo assim um ato coletivo.

Para ampliação de sentido e significado da obra, levantou-se a importância da oralidade e da valorização e reativação da memória, pois os relatos míticos fazem uso de instrumentos da história, ao narrarem oralmente como os acontecimentos ocorreram no passado, e o porquê da interpretação coletiva em considerá-los como uma história ainda viva. Através do seu sistema simbólico, o Popol Vuh é conservado através da tradição oral que possui aparatos conceituais como o som da voz, a entonação, a repetição de palavras e o ritmo todos extremamente ligados a reativação da memória.

Deu-se ênfase ao uso da palavra ativa, que é um primordial fundamento da comunicação humana, e da palavra divina, que adquire um caráter social, sobre a realidade de vida cosmogônica e por isso observou-se a importância da natureza oral contida nos relatos míticos presentes no texto. A oralidade foi

e sempre será um instrumento legitimador de mitos os quais são passados de geração a geração.

A presença das palavras divina e ativa foi observada durante a análise da criação da Terra. Os deuses criadores eram grandes eruditos e profundos pensadores, que possuíam a hegemonia e a supremacia necessárias para o ato de falar e de logo em seguida criar. Observa-se um trecho da tradução brasileira: `` Assim a Terra foi criada por eles. Só a palavra deles causou a sua criação. Para criar a Terra, ``Ulev``, eles disseram. Imediatamente ela foi criada. Era apenas como uma nuvem, como uma névoa então, a criação então, o furacão.`` (MEDEIROS, versos 215-222)

*The Maker* (O Criador) e *the Modeler* (O Modelador) através de seus pensamentos, preocupações e supremacia de poderes e palavras para a criação, completaram sua feliz criação: ``Só o poder deles, só a magia deles causou a criação então, a invenção de montanhas e vales.`` (MEDEIROS, versos 225-230). E num instante foram criados os bosques, as florestas, as montanhas.

É através da palavra divina e da voz socialmente recitada que se pode revelar uma memória semântica de determinada comunidade. Considerou-se também a relevância da memória que é a vivência do passado que está em constante evolução, aberta ao esquecimento e a lembrança.

A memória é responsável por relembrar, no tempo presente, as sensações já vividas. Revive os fatos como se esses tivessem ocorridos no ``aqui``, permitindo o narrador a se reencontrar no mundo, compreendendo-se novamente. De acordo com Michela Craveri, '*Su espiritualidad es el resultado de una continuidad temporal en un ambiente, percibido como sagrado y humanizado por la intervención de lós ancestros. El Popol Vuh expresa el ânsia de perdurar, gracias a la activación de um pasado todavia vivo en el presente.*' (CRAVERI, 2012, p.178)

Conclusão:

Ao se considerar o Popol Vuh como um conjunto de mitos, deve-se ter o cuidado de não confundí-lo com falsidade e mentira. A partir da pesquisa desenvolvida conseguiu-se mostrar a relevância das histórias mitológicas, que se conservam na mente das pessoas, e que são histórias de surgimento da vida, histórias primordiais que revelam o começo da existência de uma civilização, e que necessitam da formação e da preservação do inconsciente coletivo, da tradição, da oralidade e da valorização da memória, pois, ``(...) certos conhecimentos milenares só podem ser transmitidos em uma troca interpessoal, para que haja a força vital entre duas ou mais pessoas.`` (PRIETO, 1999, p.38)

O mito deve ser considerado como um agente que une a sociedade, forja sua identidade própria, e cria um pensamento-modelo que conduz a um comportamento organizado. Os mitos presentes no Popol Vuh são segmentos integrantes da sociedade, que possuem o poder legitimador sobre o pensamento e sobre as tradições, ao explicar fenômenos do universo. Para o homem primitivo, é essencial conhecer os mitos por dois motivos: pela possibilidade de explicação do mundo, e pela forma como ele se insere no mundo. ``O mito não é, em si mesmo, uma garantia de bondade nem de moral. A sua função é revelar modelos e fornecer uma justificação do mundo e da existência humana.`` (ELIADE, 1986, p.123)

Aceitas estas premissas, pode-se concluir que a utilização das diferentes traduções é necessária para nos fornecer os critérios básicos para a comparação entre línguas, ao resgatar a função de relacionar dois ou mais textos que desempenham idênticos papéis nas mesmas situações, exercendo similaridade ou igualdade de valor.

Ao analisar a criação da Natureza, dos Animais e do Homem, depreende-se que no decorrer da leitura há uma presença constante de rimas aos finais de muitos versos, que além da repetição de partículas, prefixos, e sufixos, representam um importante recurso do Popol Vuh ao marcar um paralelismo gramatical entre as frases, ocasionando novas relações e continuidades entre palavras.

Infere-se também que o mundo não existia ou era um grande vazio antes que os deuses, *the Maker* e *the Modeler* decidiram gerar a vida.

Da análise pode-se concluir que:

- (a) há uma busca divina através do ato intelectual, em que vários deuses se esforçam para alcançar uma solução. O ato cosmogônico não teria sido unilateral, mas sim promovido por vários criadores, aperfeiçoados por outros para gerar a forma final da criação;
- (b) a Natureza, os Animais e os Homens expressam sua existência de maneira totalmente vinculada ao sagrado, e que os encadeamentos míticos se propagaram como história através dos símbolos, impactando em um efeito comunitário em que os antigos quichés se doavam e se entregavam totalmente a seus deuses;
- (c) existe uma relação entre o poder simbólico e os mitos contidos no Popol Vuh. O simbolismo usado no texto possui certo poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem, um sentido imediato do mundo, uma concepção homogênea do tempo e do espaço, enquanto instrumentos de conhecimento e comunicação. Como exemplo: o pensamento é um feito interior, enquanto a palavra é um feito exterior desse pensamento; a fusão do interior e do exterior, do individual com o grupal é o que constitui a voz sagrada dos antecessores daquela comunidade. É o fazer ver e fazer crer.

Referências:

ANONIMO, *Popol Vuh*, tradução de Gordon Brotherston e Sérgio Medeiros, Editora Iluminuras, São Paulo, 2011.

ANONIMO, *Popol Vuh, Las antiguas historias del quiché*, tradução de Adrian Recinos, México, Editora Fondo de Cultura Economica, 1960.

ANONIMO, *Popol Vuh*, tradução de Dennis Tedlock, Editora Touchstone Simon e Schuster, 1996.

CRAVERI, Michela, *El lenguaje del mito: voces, formas y estructura del Popol Vuh*. Universidad Nacional de México, Instituto de Investigaciones Filológicas, Centro de Estudios Mayas, Cuaderno 37, México, 2012.

ELIADE, Mircea. " O tempo sagrado e os mitos", In. *O sagrado e o profano*, tradução de Rogério Fernandes, São Paulo, Editora Martins Fontes, 2001.

LÉVI-STRAUSS, Claude, *Mito e significado*, tradução de Antonio Marques Bessa, Lisboa, Edições 70, 1989.